

**PONENCIA:** *La Educación Sexual en la Escuela, Adolescentes Multiplicadores y la Anticoncepción de Emergencia*

(texto em português)

**ANTONIO CARLOS EGYPTO**

A educação sexual na escola, ou orientação sexual na escola, como é comumente chamada no Brasil, consiste num espaço de reflexão contínuo, sistemático e planejado. Integra-se ao projeto pedagógico da escola. Propõe aulas dirigidas a todas as faixas etárias, da criança ao adolescente, sistematizadas num espaço específico, com horário na grade curricular, a partir da fase em que os alunos passam a ter aulas com diversos professores: 5<sup>a</sup>. série do ensino fundamental, no Brasil.

Também precisa estar presente nas diferentes áreas de ensino, como tema transversal. A metodologia de trabalho é participativa. O conhecimento se constrói pela problematização dos temas, debate e reflexão, com diferentes recursos didáticos. A programação se estabelece a partir do interesse dos alunos mas de forma orgânica, não fragmentada. (Exemplo: simples resolução de perguntas referentes a vários temas).

Não é aconselhamento ou terapia. É processo pedagógico, o que se discute é o tema, os valores, os desejos, as fantasias, as ações, não as pessoas presentes (que devem ser preservadas). Por isso, evitam-se depoimentos pessoais. Eles não são necessários no debate. O educador não precisa ser um especialista, mas um facilitador do processo.

Costuma ser um trabalho apaixonante, tanto para os alunos como para os educadores, uma vez vencidas as dificuldades iniciais. A escola só tem a ganhar com o projeto de orientação sexual.

Estas concepções que estou apresentando aqui vêm sendo desenvolvidas pelo GTPOS – Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, uma ONG (Organização não-governamental) brasileira, e também por outras organizações, desde os anos 80 do século passado. Em 1997, foram incorporadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação. Trabalhei nisso e senti como uma grande vitória essa conquista.

O trabalho com sexualidade na escola se organiza em três grandes eixos: Corpo (erótico e reprodutivo), relações de gênero e prevenção das DST/Aids. Ressalte-se que a questão da anticoncepção é muito solicitada pelos jovens e é um tema de destaque neste trabalho. Pois bem, recentemente (há 2 anos), incorporamos as informações da contracepção de emergência com toda a clareza aos educadores e aos jovens. A surpresa foi verificar que os adolescentes sabiam mais do assunto do que os educadores. E eu me incluo nisso. Claro, já que é recurso fundamental para suas vidas e não é porque não está na escola, que eles vão deixar de saber. Incorporando à educação sexual escolar tudo pode ser melhor explicado e debatido, evitando possíveis abusos do método.

Para a prevenção das DST/Aids realizamos também outras ações em trabalhos na comunidade e num projeto para adolescentes multiplicadores: o “Trance Essa Rede”. Os adolescentes são capacitados e supervisionados para realizarem trabalhos de multiplicação junto a seus pares em sexualidade e DST/Aids. As informações e debates referentes à contracepção de emergência são coordenados por esses multiplicadores e fazem o maior sucesso com os colegas. Eles trabalham com kits de anticoncepção, mostram e manipulam todos os métodos, como se faz também em sala de aula.

Uma caixinha de contraceptivo de emergência faz parte desse kit. Todos se interessam em saber mais, aprender como usar, discutir o assunto.

Eles participaram da elaboração de uma cartilha que fizemos com a Regina Figueiredo, do NEPAIDS, sobre a anticoncepção de emergência para jovens.

O GTPOS também realizou recentemente o *II Encontro Paulista de Adolescentes*, que reuniu 400 adolescentes de todo o Estado de São Paulo para a discussão de políticas públicas para a juventude. Realizaram-se oficinas temáticas, entre elas, uma de contracepção de emergência.

Além de incorporar às práticas educacionais, estamos incluindo a contracepção de emergência em todos os materiais didáticos e publicações que produzimos. Achamos fundamental disseminar a informação para que ela chegue corretamente aos adolescentes e para criar condições para o debate das situações concretas.

Um exemplo disso é o jogo da gravidez na adolescência, ANTES – DURANTE – DEPOIS, que vai ser objeto de uma oficina na tarde do terceiro dia deste encontro. Quem estiver interessado em jogar com a gente apareça lá. Pode ser divertido ou angustiante, ainda não sei.

Outro projeto recente desenvolvido por nós foi junto ao Rally dos Sertões. Nessa competição que, em julho de 2002, percorreu 5000 quilômetros pelo interior do Brasil, uma campanha de prevenção das DST/Aids foi desenvolvida por uma educadora e um adolescente ao longo de todo o percurso do Rally. Três folders foram feitos especialmente para o evento. Um deles tratava de contracepção de emergência. A população atingida é muito carente, em todos os sentidos.

Até aqui não encontramos oposição declarada ao nosso trabalho no Brasil. Notícias de jornal dão conta da oposição de alguns religiosos, como membros da hierarquia da igreja católica. Mas nada que merecesse maior repercussão. O assunto não chegou ainda à mídia eletrônica. Os educadores e profissionais de saúde levantam dúvidas, questionam sobre a oportunidade de esclarecer os jovens tão abertamente, discutem o possível significado abortivo do método. Mas como regra geral se convencem de que não se justifica o mistério e a omissão de informações. Os adolescentes, sem dúvida, concordam que é muito importante conhecer o método e que a informação deve ser compartilhada com todos.